

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM RÁDIO E TV**

**TERRORISMO INTERNACIONAL: O ESTADO ISLÂMICO E AS MÍDIAS SOCIAIS
DIGITAIS**

Orientanda: Cynthia Cristina Scodelário

Orientador: Antonio Adami

Resumo

Esta pesquisa trata da relação entre o terrorismo mundial e como este se utiliza das mídias sociais digitais a seu favor, com campanhas, ameaças, estratégias de recrutamento e, inclusive, instruções para a construção de armamento, explosivos e táticas de ataques. A pesquisa analisa o Estado Islâmico como o maior grupo de terror presente nas mídias sociais e como necessitam dessas mídias para serem 'vitrine' com seus atos de violência. Nossa pesquisa busca ainda aprofundar o entendimento sobre a questão de que apesar de muitos órgãos internacionais se posicionarem e tentarem controlar o acesso dos terroristas às redes, é muito difícil o rastreamento de todos os suspeitos e impedi-los antes que ajam. Percebemos que os terroristas fazem a leitura que lhes interessa do Alcorão ou Corão, que significa "a recitação", o livro sagrado do islamismo. Os muçulmanos acreditam que o Alcorão é a palavra literal de Deus (Alá) revelada ao profeta Maomé (Muhammad) ao longo de um período de 22 anos. A interpretação do Alcorão pelos terroristas lhes tira a culpa, se justificando no livro sagrado, como ocorreu no último atentado em Barcelona, em 17 e 18 de agosto de 2017, onde morreram 15 pessoas atropeladas nas Ramblas da Catalunha e mais de uma centena hospitalizada. Isso nos mostra que os terroristas escolhem exatamente o lugar que vão atacar para criarem a espetacularização do fato se utilizando das mídias, particularmente as mídias sociais digitais, e, daí, serem temidos ao protagonizarem o medo.

Palavras-chave: Terrorismo. Mídias Sociais Digitais. Estado Islâmico.

Abstract

This research deals with the relationship between global terrorism and how it uses digital social media in its favor, with campaigns, threats, recruitment strategies and even instructions for the construction of weapons, explosives and tactics of attacks. The research analyzes the Islamic State as the largest terror group on social media and how they need such media to showcase their acts of violence. Our research also seeks to deepen our understanding that, despite the fact that many international agencies are positioning themselves and trying to control terrorist access to networks, it is very difficult to track down all suspects and stop them before they act. Terrorists make their own reading about the Quran or Koran, which means "recitation", the sacred book of Islam. Muslims believe that the Qur'an is the literal word of Allah revealed to the Prophet Muhammad over a period of twenty-two years. The interpretation of the Quran by the terrorists take their blame, justifying their actions in the holy book, for example, in the latest attack in Barcelona on August 17 and 18, 2017, where 15 people were killed on the Ramblas of Catalonia and more than a hundred hospitalized. This

shows us that terrorists choose exactly where they are going to attack in order to be in the media, especially digital social media, and then, to be feared by being the protagonist of fear.

Keywords: Terrorism. Digital Social Media. Islamic State.

1. Introdução

Primeiramente esclareço que estou utilizando os tempos verbais no presente, como um discurso, no sentido de atualizar o texto, passando a ideia de continuidade. O objetivo desta pesquisa é entender os processos e o poder que o terrorismo possui e quais as estratégias de comunicação que utilizam, particularmente, no uso das mídias sociais digitais. A pesquisa trata da relação entre o terror mundial e como este se utiliza das mídias sociais digitais a seu favor, com campanhas, ameaças, estratégias de recrutamento e, inclusive, instruções para a construção de armamento, explosivos e táticas de ataques. A pesquisa analisa o Estado Islâmico como o maior grupo de terror presente nas mídias sociais e como necessitam dessas mídias para serem ‘vitrine’ para seus atos de violência. A pesquisa busca ainda aprofundar o entendimento sobre a questão de que apesar de muitos órgãos internacionais se posicionarem e tentarem controlar o acesso dos terroristas às redes, é muito difícil o rastreamento de todos os suspeitos e impedi-los antes que ajam.

Optei por procedimentos metodológicos qualitativos pois empreguei estratégias de investigação de acompanhamento das notícias, veiculadas na mídia impressa e digital internacionais, tais como: The Telegraph, BBC, The New York Times, El País, The Economist, entre outros meios. Foi utilizada coleta de dados a partir de observações abertas, pois a pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, isso significa que foram realizadas interpretações dos dados, incluindo a descrição do cenário analisado para fazer interpretações e tirar conclusões sobre a ação terrorista e como fazem uso das mídias para seus objetivos de gerar medo na sociedade mundial. Aliás, sobre o campo em que esta pesquisa está centrada, o prof. Sánchez Duarte (2009), da Facultad de Ciencias de la Comunicación - Universidad Rey Juan Carlos, escreve:

É complexo descrever de maneira concisa todos os estudos relacionados com o terrorismo. Assumindo a possibilidade de excluir um grande número desses estudos, podemos classificar a bibliografia básica em dois grupos: o primeiro define as características básicas do terrorismo, enquanto que o segundo aborda a relação entre organizações terroristas e meios de comunicação.

Uma quantidade significativa das pesquisas inseridas no primeiro grupo se limitam a trabalhar questões de definição exata do terrorismo refletindo a dificuldade da enunciação sem carga ideológica e locais. Os demais estudos giram em torno dos diferentes tipos das organizações violentas (insurgentes, estatais etc.), a sua classificação pelos objetivos e vítimas e as consequências das ações. Do mesmo modo e, desde os atentados do 11 de setembro, têm

proliferado estudos sobre o terrorismo vinculado a grupos religiosos, em especial o islamismo. Em relação ao segundo grupo, grupos terroristas e meios de comunicação, são abundantes as pesquisas sobre a simbiose e dependência estabelecida entre eles. Existe um amplo debate sobre a censura aos meios, a noção e o conceito de objetividade e a legitimidade das ações violentas publicadas na mídia aos grupos violentos a partir da cobertura midiática recebida (tradução livre dos autores)¹.

Para a pesquisa, foram realizadas leituras em livros e artigos científicos em periódicos qualificados e, nesse sentido, com fundamentos a partir do referencial teórico de David C. Rapoport, especialmente o artigo “The Four Waves of Modern Terrorism” (2004). Rapoport faz um recorte histórico e afirma que o terrorismo está profundamente implantado na cultura contemporânea, portanto, não sendo um fato novo. Sofrendo constante mudança, o terrorismo está sempre em sintonia com o contexto e, apesar de fazer parte da cultura contemporânea, devemos entendê-lo dentro de conjunturas. Nesse artigo, o autor entende o terrorismo como um fenômeno histórico que se desenvolve por intermédio de ondas, as quais são definidas como ciclos de atividades em um dado período de tempo, que retém energia suficiente para criar uma geração de sucessores e novos grupos. Busquei ainda artigos em portais especializados, tais como o EbscoHost, que possui alguns autores que tratam do tema aqui proposto.

O artigo está estruturado primeiramente com um panorama e uma breve apresentação do tema no cenário mundial. Em um segundo momento, analisei as mídias sociais digitais e como podem ser úteis aos terroristas. Num terceiro momento, como ocorre a utilização das redes

¹Resulta complejo describir de manera concisa los estudios relacionados con el terrorismo. Asumiendo el riesgo de excluir un número significativo de ellos podemos clasificar la bibliografía dominante en dos grandes grupos. El primero define las características básicas del terrorismo mientras que el segundo aborda la relación entre organizaciones terroristas y medios de comunicación.

Una cantidad significativa de las investigaciones insertadas en el primer grupo se limitan a perfilar la definición exacta de terrorismo reflejando la dificultad de enunciación sin cargas ideológicas y localistas. El resto de estudios giran en torno a las diferentes tipologías de organizaciones violentas (insurgentes, estatales etc.), a su clasificación por objetivos y víctimas y a las consecuencias de sus acciones. Del mismo modo, y desde los atentados del 11-S, han proliferado los estudios sobre el terrorismo vinculado a confesiones religiosas y en especial al islamismo. En relación al segundo bloque, grupos terroristas y medios de comunicación, abundan las investigaciones sobre la simbiosis y dependencia establecidas entre ellos. En especial, existe un amplio debate sobre la censura a los medios, la noción y el concepto de objetividad y la legitimación de los violentos a partir de la cobertura mediática recibida.

sociais pelos grupos terroristas, particularmente o grupo Estado Islâmico que, aliás, é tratado com profundidade de análise no item denominado ‘o Estado Islâmico na era digital’. No próximo item, 2.3, trabalhei com o público-alvo para recrutamento do Estado Islâmico e, no seguinte, com o contra-ataque do Twitter e seu posicionamento frente aos grupos terroristas. Para finalizar, a conclusão da pesquisa e a bibliografia utilizada.

2. Compreendendo o terrorismo

David C. Rapoport, em seu artigo “The Four Waves of Modern Terrorism” (2004), argumenta que ao longo da história houve quatro ondas terroristas: a primeira onda (caracterizada por dar início ao terror moderno) é iniciada por anarquistas em 1880 na Rússia, e a estratégia inicial é assassinar especialmente militares, com o objetivo político de enfraquecer o regime czarista e implantar um sistema anarquista. Nesse cenário nasce o terrorismo contemporâneo, dentro de um sistema que entende que é necessário espalhar o terror com o objetivo de enfraquecer as bases do Estado. O terror é pensado como sendo o meio mais rápido e eficaz de destruir convenções.

A segunda onda, iniciada por volta de 1920 e com duração de aproximadamente 40 anos, dá-se pelo anticolonialismo. Neste período, amplia-se a geografia do terrorismo chegando até as colônias. O Tratado de Paz de Versalhes (1919), em francês *Traité de Versailles*², é assinado pelas potências europeias e encerra oficialmente a Primeira Guerra Mundial, o que precipita a segunda onda, segundo Rapoport. Os vencedores aplicam o princípio da autodeterminação nacional para separar os impérios dos Estados derrotados (principalmente na Europa). O IRA³ (Exército Republicano Irlandês) alcança um sucesso limitado na década de 1920, e grupos terroristas se desenvolvem em todos os impérios, exceto na União Soviética (que não se reconhece como um poder colonial após a Primeira Guerra). A atividade terrorista

²O Tratado de Paz Versalhes (1919) é assinado em Paris pelas potências europeias e encerra oficialmente a Primeira Guerra Mundial. É uma continuação do armistício de Novembro de 1918, em Compiègne, pondo fim aos confrontos. O principal ponto do tratado determina que a Alemanha aceite todas as responsabilidades por causar a guerra e que, sob os termos dos artigos 231-247, faça reparações a um certo número de nações da Tríplice Entente. A Alemanha perde uma parte de seu território para um número de nações fronteiriças, perde todas as colônias sobre os oceanos e sobre o continente africano, e passa a ter restrição ao tamanho do exército. Também indeniza as nações pelos prejuízos causados durante a guerra. A República de Weimar também deve aceitar reconhecer a independência da Áustria. O ministro alemão do exterior, Hermann Müller, assina o tratado em 28 de Junho de 1919. O tratado é ratificado pela Liga das Nações em 10 de Janeiro de 1920. Na Alemanha o tratado causa choque e humilhação na população, o que contribui para a queda da República de Weimar em 1933 e a subida ao poder de Adolf Hitler, com a ascensão do Nazismo.

³O **Exército Republicano Irlandês** ou **Irish Republican Army (IRA)**, nasce em 1919 com o principal objetivo de separar a Irlanda do Norte do Reino Unido e reanexar-se à República da Irlanda. Em 2005 o grupo anuncia seu fim e entrega seu armamento à Comissão Internacional de Desarmamento, da ONU.

é crucial para estabelecer os novos Estados, tais como a Irlanda, Israel, Chipre e Argélia. Na luta de ruptura entre os sistemas coloniais e as respectivas metrópoles, uma das estratégias utilizadas é a de difundir o terror. A medida que os impérios se dissolvem, a onda recua.

Denominada por Rapoport de “New Left”, a terceira onda se firma na guerra fria, em que grupos de extrema esquerda se formam. Para eles, enfrentar o capitalismo no sistema eleitoral não basta, é necessário fazer uma guerra cotidiana contra o capitalismo. Assim, formam-se grupos terroristas de grande poder destruidor e mortais, que tem como principal tática o sequestro de civis, aviões ou filhos de milionários, para arrecadar fundos e promover ações terroristas. Alguns grupos que ganham destaque nessa onda são o alemão Baader-Meinhof⁴, na Itália as Brigadas Vermelhas⁵, na Espanha o grupo ETA (Pátria Basca e Liberdade)⁶ e na Irlanda o IRA. Dentro do contexto da Guerra Fria, esses grupos não se identificam com os Estados Unidos e nem com a União Soviética, e entendem que atacar pessoas inocentes faz parte da estratégia e do objetivo a ser atingido.

O que essas três primeiras ondas têm em comum é o fato de suas ações serem muito pontuais e ficarem dentro do Estado Nacional ou da colônia. Então qualquer grupo terrorista dentro dessas três ondas tem como ação o próprio território. Isso muda na quarta onda, em que a Al-Qaeda⁷ cria uma célula com muita agilidade, com capacidade de movimentação global. As primeiras ações do grupo acontecem na África, chegando a atacar posteriormente o Oriente Médio e os Estados Unidos. O ataque ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, é o caso mais emblemático do grupo.

⁴Conhecida como Fração do Exército Vermelho ou Grupo **Baader-Meinhof**, essa organização alemã de extrema-esquerda, que não se considera terrorista mas sim guerrilheira, é fundada em 1970 por Andreas Baader, Gudrun Ensslin, Ulrike Meinhof e Horst Mahler na antiga Alemanha Ocidental, e dissolvida em 1998. Seus integrantes se autodescreviam como um movimento de guerrilha urbana comunista e anti-imperialista, engajados numa luta armada contra o que definiam “Estado fascista”.

⁵O grupo extremista Brigadas Vermelhas ou **Brigade Rosse**, é formado em 1969 sob orientação marxista-leninista e tem como objetivo criar um Estado revolucionário por meio da luta armada e tirar a Itália da Otan. Sua ação terrorista mais notória é o sequestro e assassinato do primeiro-ministro italiano Aldo Moro, em 1978. O grupo é desmanchado em 1984, com a prisão e o exílio de seus principais membros.

⁶O grupo **ETA** (Euskadi Ta Askatasuna) ou Pátria Basca e Liberdade, é uma organização nacionalista basca armada, fundada em 1959 e possui ideologia independentista marxista-leninista e revolucionária, que pratica a luta armada como meio para conseguir a independência dos Estados francês e espanhol (Euskal Herria).

⁷A Al-Qaeda é criada em 1989 por Osama Bin Laden, e é uma organização terrorista formada, principalmente, por fundamentalistas islâmicos e árabes. A princípio, o foco de atuação da Al-Qaeda tem por objetivo expulsar as tropas russas do território do Afeganistão. Durante esse período os Estados Unidos realizam ajuda financeira à organização para a compra de armas e realização de treinamentos. No entanto, com a Guerra do Golfo e a instalação de bases militares estadunidenses na península arábica, sede dos principais santuários do Islã, Bin Laden inicia uma campanha contra os estadunidenses.

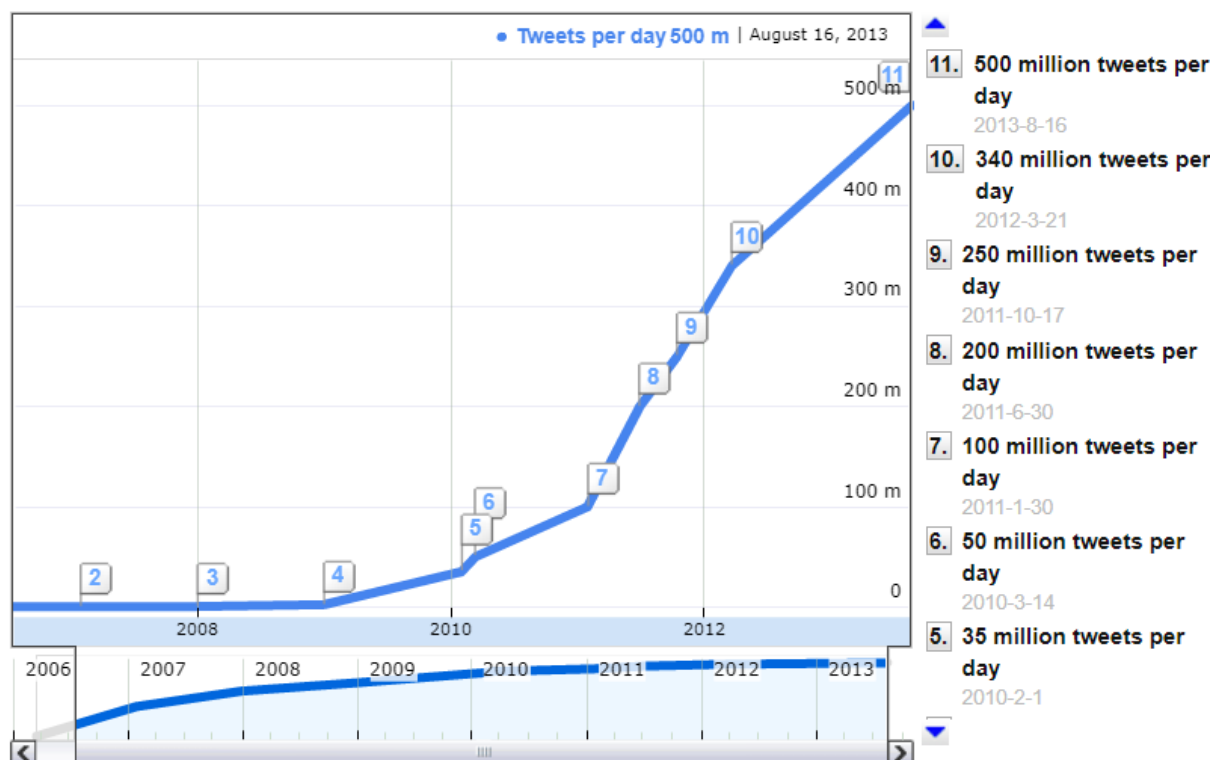
Vale destacar que apesar de não ser a Al-Qaeda quem cria a espetacularização do terrorismo, que já está presente desde a primeira onda, ela encontra um cenário de suporte de meios de comunicação muito mais desenvolvido, pois quando o grupo entra em cena a TV já é global. O 11 de Setembro é transmitido ao vivo, e isso dá uma visibilidade muito maior que qualquer outro grupo já havia alcançado. Todas as outras ações anteriores têm por trás uma ideologia laica (o anarquismo, a luta anticolonial ou o combate ao capitalismo), já a Al-Qaeda traz um elemento novo, que é o fundamentalismo religioso, ou seja, a difusão da mensagem jihadista para destruir o Ocidente e no futuro criar o Califado. Após a quarta onda, é importante destacar o surgimento de uma variável nova que possivelmente pode significar uma ruptura de paradigma de ações dos grupos, trata-se do Estado Islâmico.

Dando início a uma quinta onda, o Estado Islâmico se aproveita dos diferentes suportes midiáticos para criar um novo modelo de terrorismo. Apesar de o fato do Estado Islâmico possuir território o diferir da Al-Qaeda, que nunca teve como projetar o fundador de um Califado, ambos os grupos possuem algo em comum: continuar sendo global principalmente por intermédio das mídias.

3. As mídias sociais digitais como ferramenta para terroristas

Segundo dados do The TASM⁸ e do portal G1: Até março de 2017, cerca de 1,94 bilhão de pessoas usam o Facebook mensalmente; há 20 comunidades virtuais com mais de 100 milhões de usuários ativos, 46% da população do mundo (ou 3,4 bilhões) tem usado os serviços da internet no último ano, e aproximadamente 6.000 tweets são postados no Twitter a cada segundo, o que corresponde a aproximadamente 350.000 tweets por minuto, 500 milhões de tweets por dia e em torno de 200 bilhões de tweets por ano.

⁸The TASM: Conferência internacional de Terrorismo e Mídias Sociais.



Fonte: <http://www.internetlivestats.com/twitter-statistics/> . Consulta realizada em agosto de 2017.

Considerando os dados acima, nos perguntamos se é realmente possível controlar e até ter acesso a tudo o que é postado a cada segundo nas redes sociais. Obviamente, com os instrumentos que temos hoje isso ainda é impossível e, é exatamente por isso que, segundo o jornal britânico The Guardian, no artigo intitulado “HowTheChanging Media IsChangingTerrorism”, publicado em fevereiro em 2016, as mídias sociais são ferramentas extremamente aproveitadas por grupos terroristas.

Anos atrás, qualquer pessoa com a intenção de ser terrorista precisava viajar quilômetros para campos de treinamento, para fazer contatos, aprender a construir bombas, aprender a planejar e praticar atentados (esses campos normalmente eram muito isolados de qualquer centro importante). Hoje, os terroristas são treinados e planejam seus ataques nos grandes centros mundiais. Tudo está apenas a um clique. Fóruns nas redes sociais, tais como Twitter e Facebook, dispõem do que estes homens e mulheres necessitam: contatos distantes, admissão em chats privados, onde os líderes terroristas de todo o mundo trocam informações e táticas, instruções para fazer bombas e compartilhamento “profissional” oferecendo armas e explosivos.

Atualmente a sociedade, no geral, fica sabendo sobre os atentados primeiramente em canais nas redes sociais, tais como o Twitter ou Facebook, ao invés de noticiários tradicionais. Tudo é transmitido por livestream (ao vivo), passando todas as informações que utilizamos sobre qualquer assunto. A ubiquidade de smartphones faz com que as informações possam ser espalhadas a uma larga audiência em tempo real, fornecendo, por exemplo, detalhes sobre determinado ataque e a resposta das autoridades. Essa nova realidade nos leva a crer que políticos, serviços de segurança e forças armadas precisam considerar o impacto das mídias sociais no pós-ataque terrorista, em termos de planejamento de ataques, rápida disseminação de informações e procedimentos de investigação criminal.

Além das informações, as conexões também se multiplicam em uma velocidade impressionante nas mídias sociais. Um exemplo disso, é o grupo terrorista Al-Qaeda in the Islamic Maghreb (AQIM), que em março de 2013 lançou uma conta no Twitter a qual ganhou mais de 5.000 seguidores em somente um mês de uso. Além disso, essa conta (que já foi removida pelo Twitter) estava seguindo sete pessoas, incluindo o grupo terrorista Al-Shabaab⁹ da Somália e Al-Nusra¹⁰ da Síria, o qual está seguindo outro grupo rebelde em Aleppo. Assim os contatos globais são feitos.

O serviço de segurança britânico MI5¹¹ e os grupos de espionagem (também britânicos) GCHQ¹² e MI6¹³ monitoram mídias sociais, observando quem está seguindo quem em sites como o Twitter, e fornecendo informações vitais sobre alianças sendo feitas entre diferentes grupos e indivíduos. Jean Paul Rouiller, do Centro Geneva para Treinamento e Análise de Terrorismo (Geneva Centre for the Training and Analysis of Terrorism), em reportagem da CNN de 28 de abril de 2013, diz que as mídias sociais são vitais para as organizações terroristas modernas: “Eles não poderiam sobreviver, eles não poderiam recrutar pessoas. O contato humano é sempre preciso, mas as mídias sociais são a vitrine deles” (tradução da autora)¹⁴.

⁹O grupo Al-Shabaab, que significa “A Juventude”, é um grupo terrorista e fundamentalista islâmico, fundado em 2004, que atua primordialmente no sul da Somália e é uma organização afiliada à rede Al-Qaeda.

¹⁰A Frente Al-Nusra foi um grande agrupamento jihadista criado em 2012 e de orientação sunita, que operava na Síria, onde pretendia instituir um Estado Islâmico. Foi uma das principais forças opositoras ao governo de Bashar al-Assad. Em janeiro de 2017, o grupo se fundiu com outros grupos terroristas e formaram um só, denominado Tahrir al-Sham.

¹¹MI5: Military Intelligence, Section 5.

¹²GCHQ: The Government Communications Headquarters

¹³MI6: Secret Intelligence Service.

¹⁴“They would not have been able to survive, they would not be able to recruit people. The human touch always needed, but social media is their shop- window.”

Essa necessidade dos grupos de se promoverem e espetacularizarem suas ações estão presentes desde a primeira onda, quando Rapoport(2004, p. 50)exemplifica com a fala da militante Vera Zasulich, ao jogar sua arma no chão após ferir um comandante da polícia russa, que abusou de prisioneiros políticos: “eu sou uma terrorista, não uma assassina”. Assim como os noticiários, os terroristas têm demonstrado que precisam de audiência e ampla publicidade – e ambos têm adaptado suas táticas para chamar a atenção.

4. Como os terroristas estão usando as redes sociais

As novas tecnologias não têm somente possibilitado a produção de propaganda, mas também têm feito com que a disseminação de filmes e imagens seja mais rápida. Os vídeos do Estado Islâmico incluem execuções de profissionais, principalmente europeus e norte-americanos, jornalistas, soldados do governo sírio, espiões, homossexuais, um piloto Jordânico, trabalhadores cristãos, entre outros. Alguns foram decapitados, outros levaram tiro, foram explodidos, jogados de prédios altos ou queimados vivos. Uma amostra pode ser visualizada, inteiramente sem censura, com alguns cliques em celulares ou computadores.

Extremistas de todos os grupos e de diferentes regiões estão usando cada vez mais as redes sociais para recrutar, radicalizar e arrecadar dinheiro, e, segundo o jornal inglês The Telegraph, em artigo publicado em 2014, o Estado Islâmico é um dos praticantes mais adeptos a essa abordagem:

Robert Hannigan (o novo diretor do GCHQ) disse que terroristas na Síria e no Iraque têm “abraçado a web” e a estão usando para intimidar as pessoas e inspirar “pessoas que seriam jihadis” de toda a parte do mundo a se juntarem a eles. Ele instigou as companhias a trabalharem mais próximas dos serviços de segurança, argumentando que é hora deles confrontarem “algumas verdades desconfortantes” e que privacidade não é “uma verdade absoluta”.

Ele sugeriu que ao menos as companhias americanas de tecnologia cooperem, novas leis serão precisas para garantir que as agências de inteligência possam rastrear e perseguir terroristas (tradução da autora)¹⁵.

Robert Hannigan também adicionou neste artigo que os terroristas agora podem se esconder de suas identidades usando ferramentas de criptografia que antes eram disponíveis apenas para agências do governo. O Estado Islâmico tem provado fluência e competência em

¹⁵Robert Hannigan said that Isis terrorists in Syria and Iraq have "embraced the web" and are using it to intimidate people and inspire "would-be jihadis" from all over the world to join them. He urged the companies to work more closely with the security services, arguing that it is time for them to confront "some uncomfortable truths" and that privacy is not an "absolute right". He suggested that unless US technology companies co-operate, new laws will be needed to ensure that intelligence agencies are able to track and pursue terrorists.

comunicação ao utilizar YouTube, Twitter, Instagram, Tumblr e outras redes sociais. O grupo posta quase 40.000 tweets em um dia. O Twitter tem tentado conter o Estado Islâmico, suspendendo mais de 1.000 contas suspeitas de serem ligadas ao terrorismo. Vídeos e imagens amadoras são postadas diariamente pelos soldados, e então são compartilhadas mundialmente por usuários e noticiários. Robert Hannigan comenta que até os vídeos grotescos de decapitação destacam a sofisticação do uso de redes sociais “Agora os valores de produção são altos e os vídeos pararam de mostrar a decapitação em si”¹⁶, escreveu Hannigan. Outros grupos terroristas também marcam presença nas redes sociais, como é o caso do grupo Al-Qaeda, presente na internet há quase duas décadas, e o Taliban, que tem estado ativo no Twitter desde maio de 2011, com muitos milhares de seguidores. A principal diferença entre o Al-Qaeda e o Estado Islâmico está em que o primeiro usa a internet para distribuir material anonimamente ou ‘secretamente’. Já o Estado Islâmico, tem se aproximado diretamente, especialmente quando postam vídeos atacando cidades e disparando armas.

5. O Estado Islâmico na era digital

O Estado Islâmico se tornou o grupo terrorista mais efetivo e renomado globalmente na história, por causa do seu efetivo uso de mídias digitais. O ISIS não é somente uma organização extremista, é uma marca – e global. Sua habilidade para recrutar membros em qualquer lugar, da França aos Estados Unidos, e de suas mensagens chegarem à mídia internacional só é possível através de habilidades com sites como Facebook e Twitter que realizam duas ações ao mesmo tempo: mobilizar pessoas e amplificar mensagens.

O ISIS entendeu desde o início que as redes sociais, as quais a sociedade usa para ler ou ver notícias e informações ao redor do mundo, são, acima de tudo, empresas capitalistas. Facebook e Twitter são desenhados para gerar tantos cliques e compartilhamentos possíveis, e encorajar o máximo de usuários possíveis a participarem. Quanto mais eles conseguem, mais lucros comerciais eles geram e mais seus investidores se beneficiam. É uma contradição com todas as ações antiterror que o mundo realiza. Muitos terroristas tiveram que se refugiar em serviços como Telegram, o aplicativo com mensagens privadas, já que as redes sociais Twitter e Facebook estão cada vez agindo mais contra o terrorismo.

6. Público-alvo para recrutamento

¹⁶ “This time the ‘production values’ were high and the videos stopped short of showing the actual beheading”.

Os recrutadores do Estado Islâmico têm usado o Twitter sucessivamente para atrair pessoas desiludidas a se juntarem às suas causas. Em entrevista para a CNBC no Cambridge Cyber Summit, no dia 5 de outubro de 2016, John Carlin, procurador geral assistente para a segurança nacional no Departamento de Justiça (Department of Justice) dos Estados Unidos, afirma:

Nós chegamos à conclusão: Terroristas estão usando mídias sociais para atingir crianças. [...] Os suspeitos de serem terroristas e suas famílias estão na verdade agradecendo o FBI por prenderem os terroristas e intervirem antes que jovens percam suas vidas para o terrorismo (tradução dos autores)¹⁷.

Carlin ainda afirmou que o Estado Islâmico e outros grupos terroristas usam plataformas digitais como o Facebook, YouTube e Twitter para alcançar adolescentes isolados nos Estados Unidos, e eles sabem como conseguir a atenção deles com postagens nas redes sociais, direcionadas a estes grupos, portanto, com domínio de linguagem.

7. Contra-ataque: o posicionamento do Twitter

A mídia social Twitter é a mais usada entre terroristas para propagar seus ideais e recrutar seguidores. O Twitter é livre, internacional e permite que qualquer um se registre e poste o que quiser. Isso faz com que seja uma ferramenta atrativa para terroristas. Em 2015, o exército americano matou um cidadão britânico, Junaid Hussain, o qual era um hacker membro do Estado Islâmico. O motivo parcial de sua execução foi por ele usar o Twitter para ameaçar o Ocidente.

Não há um “logaritmo mágico” capaz de identificar conteúdo terrorista online automaticamente, as plataformas online globais são forçadas a fazer um julgamento desafiador baseado em informações muito limitadas. Caçar terroristas online não é uma ciência exata. No dia 02 de janeiro de 2012, o site americano “The Atlantic”, postou um artigo em que havia uma declaração de Nitsana Darshan-Leitner, diretora do Centro Shurat Hadin Israel Law, em que a mesma dizia:

Veio à nossa atenção de que a companhia Twitter oferece mídias sociais e serviços associados para organizações terroristas estrangeiras. Por favor, fiquem avisados de que fazer isso é ilegal e vai expor a companhia Twitter e

¹⁷We have to get the message out: Terrorists are using social media to target young kids, [...] Terror suspects and their families are at times actually thanking the FBI for arresting terror suspects and intervening before those young people lose their lives to terror networks.

seus escritórios por acusação criminal e responsabilidade civil para cidadãos americanos e outras vítimas (tradução dos autores)¹⁸.

Em consequência de diversas críticas de órgãos internacionais, e até mesmo de usuários da rede social, o Twitter tomou a iniciativa na metade do ano de 2015, anunciando que passaria a colaborar com governos Europeus na luta contra o terrorismo. De 2015 até fevereiro de 2016, 125.000 contas ligadas ao terrorismo foram excluídas pelo Twitter. A maioria dos usuários deletados eram filiados ou apoiavam o Estado Islâmico. Esses esforços para combater o terrorismo criam risco à companhia, que frequentemente se define como um lar de liberdade de fala e debates abertos. Em 2014, o chefe executivo da época, Dick Costolo, disse que ele já recebeu ameaças de morte por remover um conteúdo do Estado Islâmico no Twitter.

8. Conclusões

Após leituras e pesquisas, concluí que os grupos terroristas, no geral, necessitam das mídias sociais para impor o terror e recrutar seguidores. Penso que estes são os principais objetivos dos grupos, e, particularmente, do Estado Islâmico. Há tempos atrás os grupos terroristas não se revelavam nos seus atos, hoje, ao contrário, fazem questão de assumir atentados, dizendo claramente que estão assumindo a responsabilidade por determinados atos. Acredito que isto se deve principalmente ao fato de se sentirem intocáveis e impunes, pois existem locais no mundo que os abrigam, seja em parte do Oriente Médio ou no próprio Ocidente, atrás de uma vida aparentemente normal. Hoje em dia é mais difícil rastrear os terroristas que planejam atentados pois os mesmos estão utilizando veículos e armas brancas, como facas, dificultando o trabalho dos serviços de inteligência. Apesar das grandes empresas de mídias sociais, tais como Facebook, Twitter e YouTube falarem que estão agindo contra o terrorismo, pelo fato de serem intimados por países e governos, eles não se esforçam em acabar com o terrorismo pois isso tudo gera audiência e lucro para suas empresas. Lucros esses inimagináveis antes do assunto terrorismo e os próprios grupos terroristasseresem notícia constante e estarem presentes quase que diariamente nas redes. Quanto ao grupo Estado Islâmico, podemos concluir que este também faz parte de um contexto (onda) que tem entre as suas características a utilização sistemática das mídias sociais digitais, mas com um detalhe, realizam produções com especialistas profissionais na captação de áudio e vídeo e edição de

¹⁸It has come to our attention that Twitter Inc. provides social media and associated services to such foreign terrorist organizations," wrote Nitsana Darshan-Leitner, director of the ShuratHaDin Israel Law Center. "Please be advised that (doing so) is illegal and will expose Twitter Inc. and its officers to both criminal prosecution and civil liability to American citizens and others victimized.

audiovisual, com o propósito de impactar mais o público e trabalhar no recrutamento para o terror.

9. Referências

AKKAD, Omar El. *Why Twitter's Censorship Plan Is Better Than You Think*. Jan. 2012. Disponível em: <<http://www.theglobeandmail.com/news/technology/digital-culture/social-networking/why-twitters-censorship-plan-is-better-than-you-think/article2320773/>>. Access 02 nov. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *A Ética É Possível Num Mundo De Consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar.

BENNETT, Brian. *Orlando Gunman Searched Social Media For News Of His Killing Spree*. Jun. 2016. Disponível em: <<http://www.msn.com/en-us/news/us/orlando-gunman-searched-social-media-for-news-of-his-killing-spree/ar-AAh94UI>>. Access 02 out. 2016

BERGER, J.M. *The Evolution of Terrorist Propaganda: The Paris Attack and Social Media*. Brookings, jan. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/testimonies/the-evolution-of-terrorist-propaganda-the-paris-attack-and-social-media/>>. Access 21 set. 2016.

_____. *The ISIS Twitter census: Defining and describing the population of ISIS supporters on Twitter*. Mar. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/research/the-isis-twitter-census-defining-and-describing-the-population-of-isis-supporters-on-twitter/>>. Access 24 apr. 2017.

_____. *The Islamic State's Diminishing Returns On Twitter: How Suspensions Are Limiting The Social Networks Of English-Speaking ISIS Supporters*. Fev. 2016. Disponível em: <https://cchs.gwu.edu/sites/cchs.gwu.edu/files/downloads/Berger_Occasional%20Paper.pdf>. Access 19 mai. 2017.

BILGEN, Arda. *Terrorism and the Media: A Dangerous Symbiosis*. E-international relations students. Jul. 2012. Disponível em: <<http://www.e-ir.info/2012/07/22/terrorism-and-the-media-a-dangerous-symbiosis/>>. Access 12 nov. 2016.

BRANDOM, Russell. *President Obama Says Orlando Killer Was Inspired By Online Extremism*. Disponível em: <<http://www.theverge.com/2016/6/13/11922034/orlando-attack-barack-obama-briefing-isis-internet-terrorism>>. Access 06 mar. 2017

BURKE, Jason. *How the changing media is changing terrorism*. The Guardian, fev. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2016/feb/25/how-changing-media-changing-terrorism>>. Access 18 out. 2016.

CBS News. *Gunman Posted To Facebook Right Before Orlando Shooting*. Jun. 2016. Disponível em: <<http://www.cbsnews.com/news/orlando-shooting-omar-mateen-posted-to-facebook-right-before-attack/>>. Access 25 mai. 2017.

COCKBURN, Patrick. *A Origem Do Estado Islâmico – O Fracasso Da “Guerra Do Terror” E A Ascensão Jihadista*. 3ª Edição. São Paulo: Autonomia Literária.

COHEN, Jared. *How To Marginalize The Islamic State Online*. Dez. 2015. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/digital-counterinsurgency>>. Access 05 mai. 2017.

CRESWELL, John W. O projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2ª Ed., Porto Alegre: Artmed, 2007.

DARK, Cavin. *Social Media and Social Menacing*. Foreign Policy Association. Dez. 2011. Disponível em: <<http://foreignpolicyblogs.com/2011/12/20/social-media-and-social-menacing/>>. Access 14 abr. 2017.

ENGEL, Pamela. *ISIS has mastered a crucial recruiting tactic no terrorist group has ever conquered*. Mai. 2015. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/isis-is-revolutionizing-international-terrorism-2015->>. Access 21 set. 2016

FRIEDMAN, Uri. U.S. *Officials May Take Action Against Al-Shabab's Twitter Account*. Dez. 2011. Disponível em: <http://blog.foreignpolicy.com/posts/2011/12/20/us_officials_may_take_action_again_al_shababs_twitter_account>. Access 21 jan. 2017.

GOLDMAN, David. *Twitter Goes to War Against ISIS*. CNN Tech. Fev. 2016. Disponível em: <<http://money.cnn.com/2016/02/05/technology/twitter-terrorists-isis/index.html>>. Access 28 set. 2016.

GREENBERG, Julia. *Twitter Wants You To Know That It Is Fighting Terrorists*. Mai. 2016. Disponível em: <<http://www.wired.com/2016/02/twitter-wants-you-to-know-that-it-is-fighting-terrorists/>>. Access 08 jun. 2017.

HERZ, Mônica; AMARAL, Arthur Bernardes de. *Terrorismo & Relações Internacionais: Perspectiva e Desafios para o Século XXI*. PUC-Rio. Rio de Janeiro, s/d.

HUDSON, John. *The Most Infamous Terrorists on Twitter*. The Atlantic, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/international/archive/2012/01/most-infamous-terrorists-twitter/333662/>> Access 16 set. 2016.

HUME, Tim. *French Terror Attacker Threatened Euro 2016 In Facebook Video, Source Says*. Jun. 2016. Disponível em: <<http://www.cnn.com/2016/06/14/europe/french-policeman-terror-attack/>>. Access 02 out. 2016.

INC. TWITTER. *Tweets Still Must Flow*. Jan. 2012. Disponível em: <<http://blog.twitter.com/2012/01/tweets-still-must-flow.html>>. Access 20 jan. 2017.

KANALLEY, Craig. *YouTube Gives Users Ability To Flag Content That Promotes Terrorism*. Mai. 2011. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2010/12/13/youtube-terrorism-flag_n_796128.html>. Access 06 jun. 2017.

KING, Hope. *Facebook struggles to stop crimes from being live streamed*. Jun. 2016. Disponível em: <<http://money.cnn.com/2016/06/14/technology/facebook-french-terrorist-live-stream/index.html>>. Access 02 out. 2016.

KOERNER, Brendan. *Why Isis is Winning the Social Media War*. Wired, abr. 2016. Disponível em: <<https://www.wired.com/2016/03/isis-winning-social-media-war-heres-beat/#slide-1>>. Access 07 nov. 2016.

LOHRMANN, Dan. *How Terrorists' Use of Social Media Points to the Future*. Emergency management, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.emergencymgmt.com/safety/Terrorists-And-Social-Media.html>>. Access 02 nov. 2016.

MILLAR, Sarah. *Terrorists using Twitter, Facebook to spread propaganda, recruit would-be jihadists*. News, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.news.com.au/technology/online/terrorists-using-twitter-facebook-to-spread-propaganda-recruit-wouldbe-jihadists/story-fnjwnhzhf-1226958323936>>. Access 15 set. 2016.

OREMUS, Will. *Twitter of Terror*. Slate. Dez. 2011. Disponível em: <http://www.slate.com/articles/technology/technocracy/2011/12/al_shabaab_twitter_a_somali_militant_group_unveils_a_new_social_media_strategy_for_terrorists_.html>. Access 10 abr. 2017.

PARKINSON, Hannah Jane. *Anonymous target terrorist Twitter accounts after Charlie Hebdo attack*. The Guardian, jan. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2015/jan/12/anonymous-target-terrorist-twitter-accounts-charlie-hebdo-attack>> Access 03 fev. 2017.

PATRIKARAKOS, David. *Islamic State And Terror In The Social-Media Age*. Radio FreeEurope, nov. 2016. Disponível em: <<http://www.rferl.org/a/islamic-state-and-terror-in-social-media-age/28139405.html>>. Access 21 set. 2016.

POE, Ted. *Time To Silence Terrorists On Social Media*. Fev. 2015. Disponível em: <<http://www.cnn.com/2015/02/25/opinion/poe-terrorism-social-media/index.html>>. Access 17 abr. 2017.

RAPOPORT, David C. *The Four Waves of Modern Terrorism*. 2004. Disponível em: <<http://international.ucla.edu/media/files/Rapoport-Four-Waves-of-Modern-Terrorism.pdf>>. Access 02 set. 2016.

REUTERS. *Facebook chega a 1,94 bilhão de usuários em todo o mundo no 1 trimestre de 2017*. G1, mai 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-chega-a-194-bilhao-de-usuarios-em-todo-o-mundo-no-1-trimestre-de-2017.ghtml>>. Access 02 set. 2017.

RIVERS, Dan. *How terror can breed through social media*. CNN, abr. 2013. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2013/04/27/world/rivers-social-media-terror/>>. Access 20 out. 2016.

SÁNCHEZ DUARTE, José Manuel. *Narratives and mass-mediated terrorism main actors*. In: *Revista Latina de Comunicación Social*. Madrid-Es: Universidad Juan Carlos III, 2009.

SWINFORD, Steven. *Britain's spy chief says US tech firms aid terrorism*. The Telegraph. Nov. 2014. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/defence/11206398/Britains-spy-chief-says-US-tech-firms-aid-terrorism.html>>. Acesso em: 02 set. 2016

TAYLOR, Harrier. *Most Young Terrorist Recruitment is Linked to Social Media*. The Cambridge Cyber Summit, out. 2016. Disponível em: <<http://www.cnn.com/2016/10/05/most-young-terrorist-recruitment-is-linked-to-social-media-said-doj-official.html>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

WRIGHT, Shaun; DENNEY, Denney; PINKERTON, Alasdair; JANSEN, Vincent A.A; BRYDEN, John. *Resurgent Insurgents: Quantitative Research Into Jihadists Who Get Suspended but Return on Twitter*. Mar. 2016. Disponível em: <<http://jtr.st-andrews.ac.uk/article/10.15664/jtr.1213/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

YADRON, Danny. *Twitter deletes 125,000 Isis accounts and expands anti-terror teams*. The Guardian, fev. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2016/feb/05/twitter-deletes-isis-accounts-terrorism-online>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

ZALMAN, Amy. *The History of Terrorism*. Mar. 2017. Disponível em: <<https://www.thoughtco.com/the-history-of-terrorism-3209374>>. Acesso em: 19 abr. 2017.